



Para fãs  
da série  
**THE  
CROWN**

# O VESTIDO

Bordar o vestido de noiva da rainha Isabel II  
mudou a vida de duas mulheres para sempre.

**TOP  
SEL  
LER**

**JENNIFER ROBSON**

AUTORA BESTSELLER DO *USA TODAY*

*Em memória de  
Regina Antonia Maria Crespi  
1933–2017  
imigrante, costureira,  
e uma muito adorada avó*

Durmam serenos, evitem  
Relancear para trás; avancem, sonhos, não se detenham  
(Atrás de vós, no deserto, há um símbolo  
De dúvida — uma coluna de sal).  
Dorme, o passado, e desperta, o futuro,  
E sai depressa pela porta aberta;  
Mas vós, minhas cobardes dúvidas, podem continuar adormecidas,  
Não precisam de voltar a despertar — já não.  
O Ano Novo traz bombas, é demasiado tarde  
Para medicar os mortos com nobres intenções:  
Se tens honras de sobra, dá-as aos vivos:  
Os mortos estão tão mortos como 1938.  
Dorme sob o ruído da corrente de água  
A ser atravessada amanhã, por muito que profunda;  
Este não é o rio dos mortos ou o Lete,  
Esta noite dormimos  
Nas margens do Rubicão — o caminho está traçado;  
Haverá tempo para acertar  
Contas mais tarde, quando a luz do Sol se deixar ver  
E, finalmente, o resultado.

LOUIS MACNEICE, *Autumn Journal*, PARTE XXIV

# 1

## Ann

*Barking, Essex*  
*Inglaterra*  
*31 de janeiro de 1947*

**E**stava escuro quando Ann saiu do trabalho às 17h45 e ainda mais escuro quando chegou a casa. Por norma, não se importava de ir a pé desde a estação. Eram apenas uns 800 metros que lhe proporcionavam a oportunidade de limpar a mente ao final do dia. No entanto, hoje, a caminhada não foi das mais agradáveis, pois o frio infiltrara-se pelo seu casaco, deixando-a a tremer, e as solas dos seus sapatos estavam tão gastas que mais valia ter ido descalça.

Mas amanhã era sábado. Se lhe sobrasse tempo depois de ir para a fila do talho, iria visitar o sapateiro para ver o que ele podia fazer. Não dispunha de cupões suficientes para comprar uns sapatos novos, e aqueles já por duas vezes tinham recebido solas. Talvez conseguisse um par usado minimamente decente na próxima feira de trocas do Instituto das Mulheres.

Virou para a Morley Road, com a memória de inúmeros regressos a casa a orientá-la sem dificuldade através da noite; ainda iriam decorrer uns dias até ter o luar para a guiar. Mais um ou dois metros e estaria à porta de casa. Transpondo a cortina destinada a evitar correntes de ar, acendeu o candeeiro de parede

e sentiu-se aliviada quando a luz se apoderou do vestíbulo. Na noite anterior, a energia fora abaixo às 20 horas em ponto e só regressara pela manhã.

— Milly? Sou eu — chamou ela pela cunhada.

A sala de estar estava fria e escura, mas chegavam aromas apetitosos da cozinha.

— Estás atrasada!

— Acho que andam a circular menos comboios do que é costume. Calculo que seja para poupar combustível. E os que aparecem vêm à pinha. Tive de esperar imenso tempo até conseguir enfiar-me num.

— Já ouviste dizer que é capaz de nevar amanhã? Imagina o que isso vai fazer aos comboios.

— Não me faças pensar nisso. Pelo menos, até eu descongelar.

Ann pendurou o casaco e o chapéu no cabide instável atrás da porta e descalçou-se.

— Viste os meus chinelos?

— Trouxe-os para aqui para os aquecer.

Desligou a luz e, levando apenas a sua mala, atravessou a sala de estar em direção à cozinha. Milly estava ao fogão, atenta ao conteúdo de um pequeno tacho.

— Estou só a aquecer as batatas e os legumes de ontem, com o último pedaço de presunto. — Virou a cabeça para sorrir levemente e então curvou-se para abrir a porta do forno. — Aqui estão — disse ela, entregando os chinelos a Ann. — Bem quentinhos e sem qualquer chamuscadela.

— És um amor. Oh... que sensação maravilhosa!

— Eu já sabia. O que trazes aí?

Ann estava na bancada, a desembrulhar cuidadosamente um vaso de barro envolto em folhas de jornal. Sacudindo alguma terra que se prendera ao rebordo, ergueu-o para que Milly pudesse ver a planta no interior.

— É urze. Da rainha.

— A rainha deu-te um vaso de urze?

— Não foi só a mim. Todas recebemos. Bem, todas as que trabalhámos no último conjunto de vestidos. Aqueles que ela e as princesas vão levar para a África do Sul. Houve tanto trabalho com as contas e um deles, que vai ser usado num baile dedicado ao vigésimo primeiro aniversário da princesa Isabel... era só lantejoulas. Milhões de lantejoulas, foi a sensação que deu. Por isso, ela mandou vir isto da Escócia para nos agradecer.

— Não parece muito — comentou Milly, franzindo o nariz.

— Já viste urze em flor? É tão bonita. E isto é urze-branca. Uma das raparigas disse que dá sorte.

Milly regressou ao fogão e recomeçou a mexer.

— Acho que já aqueceu bem. Podes pôr a mesa enquanto eu sirvo?

— Sim, claro, e ligo também a telefonia. Podemos ouvir as notícias das 19 horas no Light Programme.

A família real partira mais cedo nesse dia para a África do Sul, e a partida iria sem dúvida abrir o noticiário. O rei e a rainha não apanhavam um táxi com um par de malas na mão. Em vez disso, segundo os jornais, a digressão real começaria com um desfile de carruagens desde o Palácio de Buckingham até à estação de Waterloo, onde o rei, a rainha, as princesas e dezenas de servidores e criados receberiam uma despedida formal da parte de um conjunto de dignitários antes de embarcarem num comboio para Portsmouth. E os vestidos, fatos e roupas que Ann ajudara a confeccionar integrariam essa viagem histórica.

Ela já trabalhava há 11 anos para o Sr. Hartnell. Não havia motivos para ainda se sentir nervosa ao pensar no seu trabalho a ser usado pela rainha. A sua família e amigos já há muito que não se impressionavam. Milly, tal como alguns outros, simplesmente resmoneava quando ela chegava a casa com um olhar de alegria.

Mas não conseguia evitar. Era excitante. Ela era uma rapariga vulgar de Barking, o tipo de rapariga que acabaria a trabalhar numa fábrica ou numa loja por uns anos antes de casar e se dedicar a uma vida de esposa e mãe. Contudo, por uma

reviravolta do destino, acabara a trabalhar para o mais famoso costureiro de vestidos da Grã-Bretanha, ascendera a uma das posições mais elevadas na sua sala de bordados e ajudava a criar vestidos de gala admirados e invejados por milhões de pessoas.

Fora também algo que acontecera por acaso. Quando terminara a escola aos 14 anos, não havia dinheiro para nada, como estudos de secretariado. Assim, dirigira-se a uma agência de empregos e uma funcionária de ar macilento pusera diante dela uma lista de trabalhos.

Todos pareciam horríveis: operadora estagiária de máquinas de camisas, auxiliar de enfermagem, caixa de restaurante. Virara a folha, pronta a desistir, e fora então que reparara num último: «Aprendiza de bordadeira, centro de Londres, formação incluída.»

— Este — dissera ela, timidamente, apontando para a lista. — «Aprendiza de bordadeira.» O que significa?

— Exatamente o que aí diz. Deixe-me ver o número de referência. Muito bem... é na Hartnell, onde a rainha manda fazer toda a sua roupa.

— A rainha?!

— Sim — respondera a mulher, num tom cortante. — Está interessada ou não?

— Estou. Só que... não sei costurar muito bem.

— Não sabe ler? Diz aqui «formação incluída».

A mulher escrevera um endereço e passara-o sobre a secretária.

— Eu telefono-lhes a avisar que vai lá. Esteja lá amanhã às 8h30. Não se atrase. Leve as mãos bem lavadas.

O regresso a casa decorrera numa alegria quase dançável; sentia-se ansiosa por partilhar a sua grande novidade — Londres, a rainha! —, mas a sua mãe limitara-se a suspirar.

— Tu, bordadeira? Mal consegues enfiar uma linha numa agulha. Vão ver a trapalhada que vais fazer com o que quer que ponham à tua frente e és posta na rua. Escreve o que te digo.

— Mas eles estão a contar comigo. A mulher da agência não me arranja outro trabalho se eu não for lá. Por favor, mãe! Vou ficar em apuros.

— Faz como quiseres. Mais vai e volta pelo mesmo caminho. Não te quero a passear por Londres o dia todo com tanta coisa para fazer em casa.

Na manhã seguinte, partira ao alvorecer, dado que os primeiros comboios eram seis *pence* mais baratos, e instalara-se num banco nos Berkeley Square Gardens até o Big Ben em Westminster bater as 8h15. Depois, concluía a sua viagem, que acabara numa viela sossegada em Mayfair, onde antes havia cavaliariças, e tocara à campainha com uma mão tremente.

Uma rapariga da idade dela atendeu à porta.

— Bom dia.

— Bom dia. Estou aqui por causa do emprego. Aprendizagem de bordadeira?

A rapariga sorria e assentira com a cabeça, dizendo-lhe que estava no local certo. Acompanhara Ann até ao andar de cima para conhecer a chefe das salas de bordados.

A menina Duley olhara-a de alto a baixo e perguntara-lhe se tinha experiência em bordados, e Ann respondera com receio, mas sinceridade, que não. Por algum motivo, isso deixara a menina Duley agradada, pois sorria levemente. Explicara-lhe o que ela teria de fazer, que iria receber sete xelins e seis *pence* por semana e que começaria na segunda-feira seguinte.

— Sete e seis? — escarnecera a sua mãe, apesar de ser mais do que ganhava qualquer uma das amigas da escola de Ann nos seus novos empregos como assistentes de lojas ou aprendizas de estenografia. — Vais gastar tudo no comboio.

Ann começara a trabalhar na Hartnell na segunda-feira seguinte e os primeiros meses passaram num abrir e fechar de olhos. Veio a saber mais tarde que a menina Duley a escolhera por ela nada saber, pois assim não havia nada para desaprender. As coisas na Hartnell eram feitas de uma determinada forma,



ou seja, eram feitas segundo os padrões mais elevados possível, sendo inaceitável algo que não fosse perfeito.

O olho da menina Duley era infalível: se uma conta ficava na posição errada, ou um fio de cetim se destacava dos restantes, ou até uma lantejoula era mais baça do que as restantes, ela reparava. Reparava e a sua sobrançelha esquerda arqueava e ela sorria no seu modo confiante, como que a querer dizer que também ela em tempos fora uma aprendiz e que cometera a sua dose de erros.

Era difícil imaginar a menina Duley como uma rapariga de 14 anos, ou até como algo que não a figura minúscula mas imponente que dominava as salas de trabalho. Tinha olhos azuis brilhantes que nada deixavam escapar, um leve vestígio da região oeste na fala e uma atitude calma que Ann achava profundamente balsâmica.

«Dediquem-se ao trabalho em mãos e o resto surge por si», gostava a menina Duley de dizer. «Deixem as preocupações à porta e pensem apenas no modelo do Sr. Hartnell.»

Os anos decorridos desde então não deixaram de lhe trazer problemas à porta, e em alguns dias — alguns anos — foi quase impossível seguir o conselho da menina Duley. A sua mãe morrera subitamente no verão de 1939. Foi o coração, dissera o médico. Mais tarde, a guerra, e a *Blitz*, e o horror da noite em que o irmão foi morto. Carbonizado a ponto de não ser possível reconhecê-lo, foi-lhes dito, tendo inclusive derretido a aliança.

Depois, a miséria desembestada que se seguiu, e ela foi tendo cada vez mais a certeza de que aquilo era tudo o que alguma vez conheceria. A casa em Morley Road e as salas de trabalho na Hartnell, e os espaços anónimos de permeio. Aquela vida, aquela sucessão de dias cinzentos e noites frias e entes queridos para sempre perdidos, era o máximo até onde se estendiam os seus sonhos.

O relógio da sala de estar bateu as 19 horas, despertando Ann dos seus devaneios. Parada junto à mesa, com uma série de talheres na mão, esforçou-se por sentir algum apetite pela

refeição que Milly preparara. Era uma luta, pois o presunto era pouco mais do que cartilagem e gordura, e os legumes colapsaram numa espécie de pasta acinzentada. Até as refeições da escola na infância lhe pareciam mais apetitosas.

— Não ias ligar o rádio? — recordou-lhe Milly.

O rádio, um modelo grande e antigo numa caixa de nogueira, estava na sala de estar à direita da lareira. Ann ligou-o e pôs rapidamente a mesa, tendo deixado entreaberta a porta entre as duas divisões. Depois de comerem e de lavarem a louça, poderia estar suficientemente quente para ali passarem uma hora antes de se deitarem.

Mal se sentaram, a música suave e inofensiva do Light Programme da BBC deu lugar às notícias.

— *No derradeiro dia do mais frio janeiro que Londres viveu em anos, Suas Majestades o rei e a rainha partiram para a primeira etapa da sua viagem à África do...*

— Mal consigo ouvir — disse abruptamente Milly. — Deixa-me subir o volume.

— Sim, sim, chiu...

— *... juntaram-se ao longo do caminho para acenar à família real numa despedida afetuosa, com todos os elementos daquela multidão meio gelada a desejarem poder ser transportados, também, desde a amarga tarde de janeiro para o sol fabuloso da África do Sul...*

— A mim ninguém me apanhava na fila para lhes acenar — murmurou Milly. — Com o tempo assim, nem pensar.

Parecendo responder à queixa de Milly, o locutor incidiu no tema do tempo frio.

— *As temperaturas em Londres na passada meia-noite chegaram aos 3 graus negativos, uma subida de mais de 12 graus em relação ao início da semana. A meio da noite, quando nevava em certas zonas da capital, a temperatura pouco baixou. Mas o inverno vai ainda desferir outro golpe às donas de casa britânicas: está previsto o fecho de imensas lavandarias, a não ser que o fornecimento de carvão aumente.*

A chaleira já começara a ferver, pelo que Ann se dirigiu ao fogão e tratou de preparar o chá para ambas. Apenas uma colher rasa de folhas de chá para o bule, pois a lata estava quase vazia. E sem açúcar, já que ela e Milly tinham aprendido há muito a viver sem esse pequeno luxo.

— Estava aqui a pensar se aquelas raparigas saberão a sorte que têm — comentou Milly.

— As princesas? Dizes isso sempre que falam delas nas notícias.

— Mas é verdade. Vê só como elas vivem. Com todas aquelas roupas e joias e sem nunca terem de mexer uma palha para fazer seja o que for. Eu devia ter a mesma sorte.

— Elas trabalham. Não... não façás essa cara... Trabalham, pois. Pensa só como será para elas a vida naquela viagem. Dia após dia as mesmas conversas aborrecidas com estranhos. Toda a gente a olhar para elas onde quer que vão. As pessoas espedadas a fitá-las. Duvido que vejam sequer uma praia, quanto mais terem a oportunidade de nadar.

— Sim, mas...

— E por muito quente que esteja, ou por muito que lhes doam os pés, ou por muito que estejam entediadas, têm de continuar a sorrir e a fingir que nada lhes dá mais prazer do que cortar fitas e declarar que uma qualquer cidadezinha no meio de nada passa a ter uma ponte ou um parque com o nome do pai. Se isso não é trabalho, não sei o que será. Eu sei que não trocária de lugar com elas por nada... bem, por todo o carvão, chá e eletricidade do mundo.

— É claro que trocavas, tontinha. Serias louca se não quiseses ser rica como elas.

— Não me importava de ser rica. Mas que toda a gente conhecesse o meu nome e esperasse algo de mim? Que visse todos os passos que eu desse? Isso seria horrível!

— Calculo que sim.

— Ouvi umas histórias das vendedoras e provadoras no trabalho. Algumas das nossas clientes mais ricas são as mais rudes.

Sempre exigentes, sem nunca se darem ao trabalho de agradecer, quanto mais sorrir; e nunca enviam presentes para as raparigas das salas de trabalho. Comparando com as princesas, ou a rainha? Estas é que têm uma vida fácil.

— OK, tens razão — reconheceu Milly. — Então, vamos lá ser milionárias e passar o inverno no sul de França, ou lá em baixo na ponta de Itália, e apanhar sol e sermos confundidas com estrelas de cinema americanas.

Ann não conseguiu evitar um sorriso perante a ideia de ela e de Milly serem confundidas com estrelas de cinema.

— Não seria maravilhoso? Apanhar um barco ou um comboio e ir até um lugar exótico. — Ver algo além de céus cinzentos e tijolos enegrecidos e as traseiras de jardins murchos de inverno através da janela de um comboio.

— Não é preciso ir tão longe. Uns dias na costa já me bastavam.

A conversa esmoreceu quando se dedicaram a lavar a louça, com Milly a tratar da lavagem para poupar as mãos de Ann a frieiras. Pouco passava das 19h30 quando terminaram.

— Achas que dá para acender a lareira na sala de estar? Só uma horinha? — perguntou Milly.

— Pode ser. Mas pouco fogo. Fui hoje de manhã à loja de carvão e estava quase vazia. Nem se sabe se o carvoeiro vem esta semana.

— Então, que seja só um pequeno fogo, e sentamo-nos juntas e eu leio-te qualquer coisa. Parei no quiosque a caminho de casa e arranjei o novo número da *People's Friend*.

O fogo que Milly acendeu era efetivamente muito modesto, mas aqueceu a sala de estar um ou dois graus. Era um modo agradável de terminar a semana: sentada na sua cadeira confortável, de olhos fechados, os pés finalmente quentes, a ouvir um dos contos românticos que a sua cunhada tanto adorava.

Milly era demasiado nova para uma vida assim. Ela e Frank estavam casados há apenas uns meses quando ele foi morto, uma daquelas mortes horríveis e sem sentido da *Blitz* que ainda perturbava Ann quando ela se permitia pensar no assunto. O seu

irmão era vigilante de incêndios, e não bombeiro, mas, quando a fábrica ao fundo da rua foi atingida, ele nem sequer hesitou. Foi para lá, em busca de sobreviventes, e nunca mais voltou a sair.

Mas Milly ainda era jovem, tinha 26 anos, Ann, 25, e, antes de ela e Frank se casarem, era o tipo de rapariga que adorava ir ao cinema à sexta-feira à noite, ou dançar com os amigos, e teria torcido o nariz a uma noite passada a ler em frente à lareira.

Mas e quando foi a última vez que Ann saiu? Não foi por falta de oportunidades, pois era rara a sexta-feira em que um grupo de raparigas do trabalho não fosse a um dos salões de dança do West End. Convidavam-na sempre, mas recusava invariavelmente, agradecendo, deixando para outra altura. Era um hábito que adquirira quando a mãe era viva e reagia aos seus raros pedidos para sair à noite com variações da mesma reprimenda.

«Mais valia deitar o dinheiro ao lixo. Roupa, sapatos e maquiagem, comida e bebida que te vai dar a volta à barriga e à cabeça, já para não falar no xelim, ou mais, que se paga para entrar», dizia ela, estendendo um dos dedos ásperos do trabalho. «E para quê? Para te encostares à parede com as outras raparigas sem interesse?»

A mãe não lhe dizia essas coisas para a magoar, claro. Só a queria enrijecer. Torná-la consciente do quanto o mundo podia ser impiedoso, em especial para as raparigas. E, naturalmente, tivera razão. Havia poucas hipóteses de alguém se interessar genuinamente por Ann, e seria muito tolo e complacente insistir no contrário.

No entanto, o mesmo não poderia ser dito de Milly, que era jovem, bonita e nunca na sua vida fora descrita como desinteressante. Não havia motivos para Milly não sair e divertir-se. Só precisava de qualquer coisa para vestir e algum encorajamento por parte de Ann.

As mulheres que trabalhavam na Hartnell tinham permissão para levar moldes estampados para uso pessoal e até usar

restos de tecido e rendas que as chefes da sala deixassem levar, e, de tempos a tempos, Ann recolhia material suficiente para restaurar as lapelas de uma blusa ou para cobrir um conjunto de botões.

Era isso mesmo que ia fazer. Iria à próxima reunião de trocas do Instituto das Mulheres procurar um vestido para Milly que ela pudesse renovar com alguns restos resgatados no trabalho, e talvez assim a convencesse a sair para dançar com uns amigos. Talvez Milly encontrasse um novo pretendente. Talvez pudesse aspirar a um futuro um ou dois graus mais quente e promissor do que uma lareira de fogo débil e as páginas da *People's Friend*.

O relógio na lareira soou. Eram 21 horas, o fogo esmorecera para umas poucas brasas rubras, e de repente Ann sentiu-se tão cansada que nem sabia como conseguiria subir as escadas até ao quarto. Pelo menos, não teria de se levantar ao alvorecer na manhã seguinte.

— Vai para o quarto — disse ela a Milly. — Levo-te uma botija com água quente para tirar o frio dos lençóis.

Sozinha na cozinha, à espera de que a chaleira assobiasse, Ann admirou o vaso de urze que levava para casa. Na primavera, iria plantá-lo no exterior, pois a casa delas tinha um pequeno jardim nas traseiras com espaço à justa para um canteiro, enfiado entre o barracão e o armazém de carvão. Durante grande parte da guerra, estivera cheio com mantimentos, como feijões, cenouras, curgete e batatas. No entanto, no mês de junho, após o Dia da Vitória na Europa, ela plantara um punhado de sementes de calêndula que o Sr. Tilley do fundo da rua lhe oferecera, que brotaram na primavera seguinte. Aos poucos foi encaixando cada vez mais flores, até cobrir todos os milímetros quadrados de terreno com plantas que nada mais faziam do que dar-lhe prazer.

Milly podia escarnecer, mas a urze era algo a estimar. Um presente da própria rainha, oferecido em reconhecimento pelo seu trabalho. Iria acarinhá-la no que restava do inverno e depois, quando a primavera se dignasse a aparecer, encontraria um lugar

para a urze no seu próprio jardim. Era um longo caminho de Balmoral a Barking, mas o seu jardim era um belo lugar para a urze crescer.

— Aqui vais ser feliz — disse ela à planta, deixando que os seus dedos roçassem na haste. E, então, sentindo-se algo pateta com o seu devaneio, encheu as botijas de água quente para si e para Milly, apagou a luz da cozinha e foi para a cama.

## 2

### Miriam

*Londres*

*Inglaterra*

*3 de março de 1947*

A sua primeira impressão seria para sempre o tom cinzento. Já era tarde, o sol que já não se via por completo definhava aos poucos à medida que mergulhava no céu ocidental, e setas de granizo batiam nos vidros do comboio. Lá fora, ela conseguia distinguir uma região rural monótona e plúmbea, com os seus campos despídos de inverno e as casas rurais a ceder lugar vagarosamente, de um modo quase pesado, aos edifícios amontoados e às ruas emaranhadas de uma cidade. A cidade. Londres.

O comboio passou de uma linha para outra e, a seguir, para mais outra, perdendo aos poucos velocidade, o seu motor a gemer a uma cadência cada vez mais profunda e sombria.

Paredes de tijolo cobertas de fuligem estavam agora diante dos seus olhos, aliviados por um vislumbre de água corrente ao cruzarem um rio. O Tamisa, calculou ela. Avançaram cada vez mais devagar, com o comboio a arrastar-se até uma derradeira paragem, travando de repente ao chegar ao fim da plataforma, vomitando a sua ira através de grandes baforadas de fumo e vapor.



As pessoas em seu redor pegavam nas malas, calçando luvas, envolvendo cachecóis bem apertados no pescoço. Ela seguia no encalce delas, apressando-se ao longo da plataforma, combinando a sua passada com as delas. A bagagem era leve, fácil de transportar.

Chegaram à barreira e reparou que as pessoas à sua frente mostravam o bilhete ao fiscal, ou guarda, ou lá como lhe chamassem em Inglaterra. Observou a expressão dele ao picar os bilhetes e sentiu um certo alívio quando ele sorria àqueles que pareciam inseguros ou ansiosos.

Ela já tinha o bilhete na mão, tendo estimado que poderia precisar do mesmo outra vez, mas uma vez mais deixou-se ficar até ter passado toda a gente. Não fazia sentido chamar as atenções atrasando a fila. Ouvira histórias sobre ingleses e as filas.

— Boa tarde — disse ela ao homem.

— Boa tarde, menina.

Ele pegou no bilhete dela, fez um pequeno furo num canto e devolveu-lho. Como se fosse uma recordação que ela desejasse guardar. A viagem que a levava para longe de França, de tudo o que conhecia, e que a depositara naquele lugar desconhecido, frio e desesperadamente decadente.

— Peço imensa desculpa, mas poderia ter a amabilidade de me indicar onde é o hotel Wilton? Creio que fica junto à estação.

— Umas semanas antes, passara a pente fino os *bouquinists* ao longo do Sena até dar com um guia de Londres. Pela descrição, o Wilton parecia ser uma opção segura e económica.

— Não fica nada longe, menina. Passe por essas portas já em frente e vire à direita. Vai dar à Wilton Road. O hotel fica logo a seguir ao Victoria Theatre, na parte mais distante da rua. Se atravessar a Gillingham Street, é porque já foi longe demais. Precisa de ajuda com as malas? Posso arranjar um bagageiro que...

— Não, obrigada. Eu cá me arranjo. Muito obrigada pela ajuda.

Era exatamente como ele explicara e uns minutos depois já se encontrava à porta do hotel. O seu exterior sujo, iluminado

por uma única lâmpada ténue sobre a porta da entrada, por certo já conhecera melhores dias, e o ar no interior cheirava a mofo, couves e fumo de cigarro.

Havia um homem sentado a uma escrivaninha, o queixo apoiado na mão, os olhos fechados. As lapelas do seu casaco haviam começado a esfriar e uma leve camada de caspa enfeitava-lhe os ombros. Enquanto ela observava, o canto da boca dele começou a tremelicar, como se algo o divertisse, e então estacou tão depressa como começara. Talvez sonhasse com épocas mais felizes.

— Hum... — disse, esperando que ele desse sinal de vida.  
— Desculpe — insistiu ela, com um pouco mais de intensidade.

Ele endireitou-se, arquejando.

— Peça perdão. Eu estava, hum... a descansar a vista.

— Não há problema. Terá algum quarto individual disponível?

Ele franziu o sobrolho ao olhar para o livro de registos diante dele.

— Para quantas noites, menina?

— Não sei ao certo. Duas ou três, para começar. Posso perguntar por quanto fica cada noite?

— Dez e seis, incluindo pequeno-almoço, ou quinze xelins, pensão completa. O banho e a casa de banho ficam ao fundo do *hall*, o quarto é arrumado todos os dias e os lençóis mudados uma vez por semana devido à escassez de carvão.

O guia de Londres dela fornecera-lhe uma breve explicação sobre o estranho sistema monetário britânico, mas ainda assim sentia dificuldade em encontrar-lhe sentido. Presumivelmente, 1 *bob* correspondia a 1 xelim? E 1 libra correspondia a 20 xelins, o que significava que uma noite naquele hotel surpreendentemente caro lhe custaria algo como 250 francos. Demasiado caro para se hospedar muito tempo, mas a perspectiva de procurar outro lugar era, de momento, mais do que poderia suportar.

— Muito bem. Para começar, quero um quarto com pequeno-almoço para três noites.

— Assim seja. Vou precisar do seu passaporte. — Miriam entregou-lho, contendo um assomo de pânico quando ele o levantou para comparar o rosto dela com a fotografia. Ele não tinha poder sobre ela. Não era polícia, nem da Milícia, nem da Gestapo. Iria anotar o número do passaporte dela, mas nada poderia fazer com o mesmo. Só isso. — Encontra-se cá de férias, menina... Dassin?

— Não. Mudei-me para cá. De França.

— Não me agrada dizê-lo, mas não poderia ter escolhido pior altura. Vivemos o inverno mais frio de que há memória, não há carvão suficiente para lhe fazer frente e o racionamento está pior do que nunca. Até as batatas são racionadas, se é que dá para acreditar. Batatas! — O homem forçou um sorriso.

— Ambos sobrevivemos à guerra, não foi? E não tarda nada chega a primavera.

— Espero que tenha razão — disse, e só essa ideia, ou talvez a recordação de primaveras passadas, também o fez sorrir. — Ninguém diria que não a um pouco de sol.

O homem acabou de escrevinhar em mais um dos seus livros e devolveu-lhe o passaporte.

— Se pretender ficar mais uma semana ou duas... em Inglaterra, quero eu dizer, não necessariamente aqui... vai precisar de um caderno de racionamento. Mas pode comer em restaurantes sem racionamento sem qualquer tipo de problema. O pequeno-almoço é servido entre as 7h30 e as 9h30. Ah, e aqui tem a sua chave — acrescentou. — Terceiro piso, ao fundo do corredor. Temos elevador, mas está fora de serviço, por isso vai ter de ir pelas escadas. A água quente está desligada até de manhã, e o aquecimento central também. Lamento.

— Não há problema. Estou habituada ao frio. Permita-me que pergunte... Será possível emprestar-me um ferro e uma tábua da vossa lavandaria?

A pergunta em si pareceu confundi-lo.

— Não sei. Eu... Bem, acho que sim. Por norma, os hóspedes enviam as coisas para baixo para serem passadas.

— Não duvido que o façam, mas estimo muito este vestido. Sinto-me... — teve de procurar a palavra adequada — ... desconfortável ao confiá-lo a outra pessoa. Espero que compreenda — disse ela, suavizando a voz para pouco mais do que um sussurro e brindando-o com o seu sorriso mais convincente, aquele sempre algo trémulo, com apenas um toque de humildade. Um sorriso que lhe fora de extrema utilidade nos últimos sete anos.

— Tenho a certeza de que hei de arranjar qualquer coisa, menina Dassin. — Dass'n, disse ele, engolindo metade do seu nome. Ela conteve um arrepio instintivo e reforçou o seu sorriso.

— Posso usá-los esta noite? Amanhã tenho uma reunião muito importante, percebe, e não dormirei bem se não estiver preparada.

— Claro — disse ele, corando um pouco. — Eu faço-os chegar ao seu quarto. Precisa que lhe leve as malas?

— Oh, não... não são nada pesadas. Basta o ferro e a tábua. Muito obrigada. É muito amável.

Ela sentiu bastante a falta do elevador, pois as suas malas, por muito leves que fossem, pesavam-lhe imenso nos braços quando chegou ao último piso do hotel. O seu quarto ficava ao fundo do corredor, tal como ele indicara, e ela esperou que fosse sossegado. Se fosse suficientemente sossegado, se calhar conseguiria dormir.

Abriu a porta, acendeu a luz e pousou as malas ali mesmo onde estava. E, depois, aguardou, com os olhos bem fechados, permitindo-se repousar. Recuperando o fôlego, deixou que a dor se desvanecesse dos braços. Já tinham decorrido quase dois anos desde que fora libertada, mas ainda se sentia débil. O que lhe dissera o médico americano? Boa alimentação, descanso, exercício cauteloso, e, acima de tudo, paciência, e um dia ela voltaria a ser quem era.

Ele revelara-se um homem amável, profundamente abalado por todo o sofrimento que presenciara, e esforçara-se ao máximo por ajudar. Mas equivocara-se, pois não havia ar fresco, ou boa

comida, ou passeios no parque suficientes para que lhe restaurassem o que lhe fora tirado.

No dia em que ela tomara a decisão, escrevera à única amiga que a conhecia suficientemente bem para compreender. Catherine respondera no dia seguinte.

*20 de fevereiro de 1947*

*Minha querida Miriam,*

*Tens algum tempo para estar comigo antes de partires? Não é que eu conte fazer-te mudar de ideias — garanto-te que compreendo os teus motivos —, mas só assim poderemos despedir-nos convenientemente. Poderá ficar para quinta-feira ao fim da tarde, às 18 horas? Vou ficar com o Tian nas suas novas instalações. Digo ao pessoal para contar contigo. Se esta hora não te convier, avisa-me.*

*Com toda a minha estima,  
Catherine*

Tian era nada mais nada menos que Christian Dior, o Christian Dior cuja primeira coleção surpreendera o mundo apenas umas semanas antes.

Ela fizera bordados em alguns desses vestidos, pois a Maison Rébé era o ateliê de bordados preferido de Monsieur Dior, mas ela nunca havia conhecido o homem, nem sequer pensara em aproveitar-se da sua amizade com Catherine para tentar fomentar tal encontro.

Fora uma sensação estranha atravessar a porta principal da Maison Dior, como se ela fosse uma grande senhora a chegar para a prova de um vestido, mas Catherine teria percebido se ela tentasse entrar pela porta de serviço. Miriam fora levada até uma sala com uma decoração sofisticada, tratada com todas as cortesias, perguntaram-lhe se desejava tomar alguma coisa, fosse o que fosse, e, depois de responder que não necessitava de nada,

fora deixada a sós. Mas apenas por um momento, até a porta se abrir e Catherine entrar de rompante.

— Minha querida, minha querida... que alegria ver-te de novo. Vamos sentar-nos. Queres tomar alguma coisa? Café? Um chá?

— Não, obrigada, Mademoiselle Dior — dissera Miriam, de repente envergonhada. Amiga ou não, era a irmã do maior costureiro do mundo.

Mas a sua amiga abanara a cabeça e segurara as mãos de Miriam.

— Para ti, sou a Catherine. Insisto. Ora muito bem, conta-me... O que se passou?

— O julgamento começou na semana passada. Tenho a certeza de que te contei.

— O vizinho dos teus pais? O gendarme?

Miriam assentira. Fora ao tribunal no primeiro dia do julgamento, crente de que teria algum significado se marcasse presença para ver a justiça a ser feita. Adolphe Leblanc vivera ao fundo da rua dos pais dela desde que ela se lembrava, o polícia local com a sua grande família unida e devotamente católica, e ao longo de todos esses anos ele nem por uma vez os cumprimentara, nunca quisera saber se estavam bem de saúde, nunca permitira a Miriam que brincasse com os seus filhos. «Judia nojenta», chamavam-lhe, e ela aprendera a temê-los a eles e ao seu pai corado e desbocado.

Ele ajudara a capturar a família dela, uma peça ávida numa engrenagem de morte que se espalhara por quase todo o continente. Contudo, fora absolvido antes sequer de o julgamento começar devidamente.

— Libertaram-no, tal como a metade dos outros homens em julgamento — contara ela a Catherine. — Os juízes disseram que expiaram os seus crimes ao ajudar a Resistência.

— Desgraçado! Provavelmente, não mexeu uma palha até os escritos surgirem na parede — bufara Catherine.

— Ele roçou em mim ao sair. Estava tão perto que as nossas mangas se tocaram. Sei que ele me reconheceu.

— Não foi estúpido a ponto de te dizer alguma coisa, pois não?

— Não.

Ela nutrira a esperança de vislumbrar algum leve sinal de culpa, de vergonha, no olhar dele. No entanto, apenas vira ódio. Um ódio corrosivo e incendiário. Ela perscrutara a sala de audiências e também lá reconhecera os olhares dos outros.

— Ele fez alguma coisa que te perturbou. Consigo perceber isso.

Miriam cerrara os olhos com força, tentando varrer a recordação da sua mente.

— Sorriu. Sorriu e assentiu com a cabeça, e percebi que, se dependesse dele, faria tudo de novo. *Maman, papa, grand-père*. Se pudesse, enviá-los-ia de novo para a morte.

— Nem todos nós sentimos ódio — segredara Catherine, num tom suplicante.

— Eu sei, mas agora tenho medo. Ele fez-me recordar o medo.

— Eu entendo, a sério que sim.

— Quis despedir-me e agradecer-te a ajuda. Não teria sobrevivido sem ti.

— Nem eu sem ti — dissera-lhe a amiga, e fora suficiente, para que ambas soubessem e recordassem. — Esperas aqui um momento? Quero que conheças uma pessoa.

Antes de poder reagir, já a amiga saíra da divisão. Catherine queria que ela conhecesse alguém? Mas não podia ser...

Catherine regressara e com ela vinha uma pessoa alta, a perder o cabelo e facilmente reconhecível.

— Monsieur Dior — dissera Miriam, levantando-se de um pulo.

Ele cumprimentara-a com um aperto de mão, como se pertencessem ao mesmo nível social, e o sorriso envergonhado dele conferira cordialidade às suas feições sérias.

— Mademoiselle Dassin. É uma honra conhecê-la. A minha querida irmã contou-me da extrema amabilidade que teve para com ela, e com outros, quando estive presa. Espero que me permita exprimir toda a minha gratidão.

— Ela também foi... amável comigo — balbuciara Miriam.  
— Ajudámo-nos uma à outra a sobreviver.

Era verdade que Miriam ajudara Catherine, mas apenas no modo singelo em que as detidas se entreadjudavam. Ela arranjara uns nacos de pão impossíveis de encontrar quando as outras mulheres não conseguiam suportar a sopa rançosa que passava por ração. Ela usara trapos, pedidos a outra prisioneira, para ligar os pés de Catherine quando infetaram. À noite, quando a amiga estava prestes a ceder ao desespero, Miriam recordara-lhe coisas belas. Vestidos de seda, botões de flores, recordações de conforto e amor.

Após serem libertadas, haviam regressado a casa em França no mesmo comboio de refugiados, e Catherine pagara a Miriam a hospitalização numa clínica de repouso para que ela pudesse recuperar a sua saúde. Catherine sabia que não restara a Miriam nenhuma família que cuidasse dela.

— A Catherine contou-me ontem que vai emigrar para Inglaterra e pediu-me que eu lhe escrevesse uma carta de recomendação. Naturalmente, foi com prazer que o fiz, pois sei que o seu trabalho embeleza algumas das minhas criações mais recentes. Pelo menos, é o que me diz Monsieur Rébé.

— Assim é, Monsieur Dior, mas eu nunca me atreveria...

— Também escrevi uma lista de nomes a quem poderá pedir emprego. Há poucos ateliês de bordados em Londres, por isso sugiro que procure os próprios costureiros. De entre estes, recomendo particularmente Monsieur Norman Hartnell. Considero que as bordadeiras dele produzem um trabalho requintado. Por favor, aceite isto, a par dos meus sinceros desejos de boa sorte.

— Dito aquilo, entregara-lhe um envelope, dera-lhe um novo aperto de mão e voltara a sair pela porta ainda aberta.

Miriam voltara-se imediatamente para a amiga.

— Não tinhas de fazer isto por mim. Nunca te pediria tal coisa.

— Eu sei. Mas quero ajudar-te, e ambas sabemos que o nome do Tian pode abrir muitas portas das grandes. Promete-me que me avisas se deparares com dificuldades.



— Prometo.

Miriam não reparara, na altura, que o envelope era mais pesado do que pesariam por norma duas folhas de papel. Apenas mais tarde, depois de se terem abraçado e despedido, e de ela ter regressado aos seus aposentos para emalar o que restava, é que descobriu o dinheiro inglês, 5 notas de 20 libras, que Monsieur Dior enfiara no envelope. Estava agora com ela, cosido no forro do seu casaco — uma apólice de seguro para fazer face a dias mais sombrios.

Abriu os olhos e olhou em volta para o seu quarto de hotel, embora sem sair do lugar onde se encontrava. Era mais limpo do que esperava, embora não se visse grande coisa com a luz ténue da única lâmpada pendurada no teto. Tinha apenas uma janela, bastante exígua, com vista para a saída de emergência mais próxima. Havia uma cama estreita encostada à parede à sua direita, com a colcha rasgada em vários pontos, a almofada puída até ao limite. Ao lado da cama, encontrava-se um guarda-vestidos com um espelho na porta. No canto mais afastado, um lavatório, com uma única toalha dobrada sobre a sua beira. À sua esquerda, havia uma pequena escrivaninha e uma cadeira. Um candeeiro encontrava-se em cima do tampo, e Miriam avançou para o ligar. Nada. A lâmpada estava fundida.

Uma batida soou atrás dela.

— Menina Dass'n?

— Sim, entre, por favor.

Depois de pousar o ferro de passar na escrivaninha, o funcionário tentou abrir a tábua, mas era evidente que o mecanismo representava para ele um mistério.

— Por favor, não se incomode — disse ela. — Eu cá me arranjo.

— Desculpe. Só há uma tomada no quarto, aqui junto à escrivaninha. Vai ter de desligar primeiro o candeeiro.

Ela assentiu com a cabeça. Aguardaria até ao dia seguinte para perguntar pela lâmpada fundida. Seria insensato fazer-lhe mais pedidos hoje.

— Muito obrigada. Quer que leve a tábua e o ferro quando acabar?

— Não é necessário. Eu digo à criada para levar quando ela limpar o seu quarto daqui a um ou dois dias. Se fizer falta na lavanderia, vêm cá buscar mais cedo.

— É muito amável — disse ela, desejando poder gastar algum dinheiro numa gorjeta. Em vez disso, estendeu a mão e sorriu-lhe abertamente, na esperança de que ele compreendesse.

— Não precisa de agradecer — disse ele, num tom cordial, e Miriam calculou que ele teria percebido. Ou talvez se desse o caso de em Inglaterra não ser habitual dar gorjeta. Teria de consultar o seu guia para confirmar. — Então, boa noite.

Quando ele fechou a porta, ela foi trancá-la e deteve-se até deixar de ouvir os passos dele, e então, pela primeira vez no dia, respirou sem tensão. Sozinha. Livre de estranhos sempre à sua volta, livre de palavras parcialmente recordadas e frases que ficavam presas à mente como anzois. Livre daquela necessidade embrenhada de suavizar todas as expressões para uma inexpressividade neutral e nada ameaçadora.

Primeiro, faria o que era importante. Abriu a tábua de engomar, instalando-a junto à escrivaninha, e ligou o ferro à corrente. Enquanto esperava que aquecesse, pousou a maior das duas malas na cama e tirou de lá o seu melhor fato e a sua melhor blusa. Apesar de ter dobrado a roupa meticulosamente, com tecido a proteger todas as dobras, ainda assim amarrotou um pouco. O ferro era um objeto bastante antigo com um aspeto pouco fiável, mas umas poucas passagens hesitantes no interior da bainha da saia não geraram queimaduras, pelo que se dedicou a passar os vincos mais acentuados.

Sentia-se demasiado cansada e com frio para se dar ao trabalho de alguma *toilette* noturna. Depois de vestir a camisa de noite e de pendurar a roupa que usara no dia, apagou a luz e deitou-se. Apesar de os lençóis estarem levemente húmidos, não demorou muito a parar de tremer e a começar a relaxar no reconfortante abraço da cama.

Estava ali, à espera dela, assim que fechou os olhos: um painel de seda marfim, luminoso sob o sol do início da tarde, esticado com força num bastidor. O seu bastidor de bordar, logo junto à janela no ateliê da Maison Rébé, precisamente onde ela o deixara.

Avaliou o seu progresso. O padrão, um bordado de flores, estava quase pronto; ocupava-lhe a mente há já muitas noites. Já terminara as rosas borbonianas, as suas pétalas pálidas e suaves, e as gavinhas curvadas de lonícera a serpentear entre as hastes. Hoje iniciaria as primeiras peónias.

Havia uma peónia antiga no jardim dos pais, plantada muito antes de se terem mudado para lá, e todos os meses de maio gerava imensas flores, algumas delas amplas como pratos de jantar, as suas pétalas a escurecerem do mais pálido rosa ao mais intenso vermelho-cereja. Era a preferida da *maman*, e também a sua.

No ano anterior, obrigara-se a ir lá, para descobrir se restara algum vestígio da sua família, das suas vidas. As pessoas que se apoderaram da casa dos pais disseram que não sabiam de nada. Não a deixaram entrar, pelo que implorara para ver o jardim. Cinco minutos no jardim e ia-se embora.

Tinham matado a peónia. Tinham arrancado as flores da mãe para fazer uma horta. Destruíram toda a vida que a mãe ali plantara. Tinham... A peónia vivia na sua memória. Via-a com tal nitidez que as pétalas brilhavam e eram perfeitas. Intocadas. Inteiras e vivas.

Pestanejou para conter as lágrimas. Enfiou a linha na agulha. Tocou com as pontas dos dedos no tecido fantasma. E recomeçou.

### 3

## Heather

*Toronto, Ontário*  
*Canadá*  
*5 de março de 2016*

— **H**eather? É a mãe. Estou farta de ligar.  
— Desculpa, não ouvi tocar. O que se passa?  
— Onde estás?

— Estou a acabar de fazer compras para casa. Está um caos. Uma típica manhã de sábado em Toronto. Porquê?

— É a avó.

O ruído do supermercado, as conversas e as queixas dos que estavam em redor dela, o estridor dos carrinhos a serem empurrados para o exterior, as canções clássicas a tocar demasiado alto nos altifalantes roufenhos — tudo definiu. No seu lugar intensificou-se uma batida de coração, surda e firme, a pulsar-lhe com insistência no esterno. O som do seu próprio coração.

— Heather?

— O que se passa com a avó? — perguntou, embora já soubesse a resposta.

— Oh, querida, lamento ter de te dizer isto... Ela morreu esta manhã.

A fila estava a avançar, pelo que Heather empurrou o seu carrinho, obediente ao que ditava a linha de clientes. Era complicado

orientá-lo só com uma mão. Apontou o carrinho na direção certa, os seus dedos a latejar no ponto onde apertavam a pega.

— Mas... — ia ela dizer. Sentiu a boca seca. Humedeceu a garganta, lambeu os lábios e tentou de novo. — Mas a avó estava bem da última vez que falei com ela.

Há quanto tempo fora? Por norma ela ligava aos domingos, mas andava a ter uns dias complicados no trabalho. Nada de interessante, apenas umas tretas sem importância, mas chegado o final da semana sentia-se sempre cansada e...

— Heather? Ainda aí estás?

Voltou a empurrar o carrinho.

— Não entendo. Não me disseste que ela estava doente.

— Vi-a na quarta-feira e na altura pareceu-me bem. Mas tu sabes bem como ela detestava admitir que andava em baixo.

— Sim, é verdade — sussurrou Heather.

Sentiu algo na bochecha. Esfregou a cara, e as pontas dos dedos humedeceram com lágrimas silenciosas e furtivas. Limpou-as com o punho de lã do casaco, o mesmo casaco estúpido que não tinha bolsos. Talvez tivesse um lenço na mala.

— O que é que aconteceu?

— Uma das amigas do lar percebeu que ela não apareceu para jantar e foi ver o que se passava. Estava a dormir na cadeira, aquela junto à janela no quarto, e a amiga teve uma grande dificuldade em acordá-la. Por isso, ligaram para o número de emergência e eles ligaram-nos a nós. O médico disse que foi pneumonia, daquelas que começam como uma constipação e se infiltram. Na idade dela, não havia muito que pudessem fazer. Já tínhamos falado disso com ela e sabíamos que ela não queria... um grande alarido, quero eu dizer. Por isso, eu e o pai ficámos com ela até...

A avó passara toda a noite passada a morrer e ela nem sequer soubera.

— Porque é que não me ligaste?

— Heather, querida... Sabes perfeitamente que ela não ia querer que tu a visses naquele estado. Tu sabes... Ela estava a dormir quando lá chegámos, portanto...

Um soluço subiu pela garganta de Heather, ruidoso e mortificante. Os plácidos clientes em volta dela olharam assustados por uns momentos e a seguir, cuidadosamente, viraram as cabeças ou baixaram-nas para o telemóvel. Seria bondade ou indiferença, o que os levava a desviar o olhar?

Outro soluço, ainda mais alto, como se um dique estivesse a romper.

— Heather? Ouve-me. Esquece as compras. Quero que leves o teu carrinho ao balcão do apoio ao cliente, ou lá como lhe chamam, e diz-lhes que tens de ir embora. Diz que tens uma emergência. Estás a ouvir?

— Sim, mãe, estou a ouvir. — Desviou o carro para o lado, orientando-o com cuidado para não bater em ninguém. O apoio ao cliente não era muito longe.

— A Sunita ou a Michelle podem ir aí depois buscar as compras?

— Acho que sim.

— OK. Então, diz a quem aí estiver que tens de ir embora e que uma amiga tua vai aí buscar as compras. Dá-lhes o teu nome e número de telefone.

A mulher de serviço ao balcão estava ocupada a introduzir bilhetes de lotaria num aparelho em cima da bancada. Ergueu o olhar, com o sorriso a esmorecer ao aperceber-se do rosto manchado por lágrimas de Heather.

— Posso ajudá-la?

— Eu, hã...

— Heather. Passa o telefone. Eu falo com elas.

A mulher pegou no telemóvel quando Heather o estendeu, com o seu olhar inquiridor a transformar-se numa expressão de compaixão enquanto escutava.

— Estou? Sim? Oh, não. Lamento imenso. Sim, claro... eu trato disso. Não há problema. OK. Não, eu não desligo. — Devolveu o telefone.

— Está tudo tratado. A sua mãe explicou tudo. Lamento imenso pela sua avó.

Heather tentou sorrir, mas, mesmo sem se conseguir ver, percebeu que o resultado não era convincente.

— Obrigada. A minha amiga há de vir aí não tarda nada.

Virou-se na direção das portas, com o telemóvel ainda encostado ao ouvido. Um ou dois minutos depois já estava no seu pequeno carro. O carro antigo da avó.

Era um velho *Nissan* dois volumes, já usado quando a avó o comprara uma década antes, e sem qualquer conforto moderno, como salientava a avó. Sem ar condicionado nem aparelhagem estéreo além de um rádio AM/FM, sem direção assistida e com uma manivela em vez de um botão para baixar e subir os vidros. Mas era o carro da avó, e, por esse motivo, iria mantê-lo enquanto andasse.

Deixando-se abater no lugar do condutor, Heather pôs o telemóvel em alta-voz, atirou-o para o tabliê e pousou a cabeça no volante.

— Ainda aí estás?

— Sim, mãe.

— Para já, não quero que te ponhas a conduzir. Estás demasiado perturbada.

Inspirou fundo. E expirou. Mais um minuto e talvez as suas mãos parassem de tremer e ela conseguisse respirar sem aquela sensação horrível de sufoco presa à garganta.

— Eu fico bem — garantiu ao fim de algum tempo. — Só preciso de ir para casa.

— Claro. Respira fundo algumas vezes. E abre a janela para entrar ar. Vês bem? Limpa os olhos. Adoro-te, querida.

— Também te adoro.

— Ligas-me quando chegares a casa?

— Sim, prometo.

Um ruído estrepitante de estática substituiu a voz da mãe, e depois o silêncio.

Ela voltou a limpar as lágrimas, ligou o carro e dirigiu-se para casa.

A avó partira.

A avó morrerá.

Como era possível?

A avó nunca parecera assim tão velha. Nem sequer se reformara antes de chegar aos 80 anos. Vendera a lojinha na Lakeshore Avenue que inaugurara 50 anos antes e, 5 anos mais tarde, vendera o *bungalow* e mudara-se para o Lar Elm Tree, um daqueles edifícios de apartamentos para idosos com uma enfermeira de serviço e uma sala de jantar para quem não tivesse disposição para cozinhar, e tantas atividades e clubes e saídas que, na maior parte dos fins de semana, estava mais ocupada do que Heather.

Heather sabia que a avó andava a abrandar um pouco o ritmo. Deixara de conduzir e abdicara do voluntariado, e, quando se constipava, não se livrava da constipação num dia ou dois, como acontecia antes. Contudo, até agora, sempre melhorara. Sempre.

Uma buzina dela despertou-a. O semáforo mudara sem que tivesse reparado. Fez sinal com a mão a pedir desculpa ao condutor que seguia atrás, de olhos na estrada à sua frente, os seus pensamentos emaranhados em recordações da avó.

Virou à esquerda e estacionou em frente a casa, mas, em vez de ir logo para dentro, deixou-se ficar onde estava, com as mãos pousadas no volante, e permitiu que o seu olhar incidisse nos jardins do outro lado da rua, do lado soalheiro onde a terra era mais quente e os bolbos haviam começado a florescer. Havia campainhas brancas, açafão-da-primavera e até uns narcisos-dos-prados prematuros, mas ela não sabia se isso a deixava feliz ou triste.

A avó estava sempre ansiosa pela primavera. Enquanto presidente do comité de jardinagem do lar, era responsável pelos canteiros no pátio em frente à sala de jantar. Da última vez que Heather a visitara, a avó mostrara-lhe as plantas anuais que andava a semear. Malmequeres, alissos-doces, cosmos e petúnias, arrumados em canteiros de frascos de iogurtes perfeitamente dispostos no parapeito da janela da sala de estar.

O que seria agora das plantas da avó? Ela tinha de se assegurar de que alguém se lembraria de as regar.



Heather desligou o carro, inspirou fundo várias vezes para se compor e então ganhou coragem para percorrer o curto caminho até à sua porta de entrada. Entrou e, mal chegou ao banco no *hall*, os seus joelhos cederam, com a mala a deslizar-lhe do braço para aterrar no chão de tijoleira.

O *hall* era um espaço pequeno, delimitado por duas portas: uma para os seus pequenos aposentos no primeiro andar e outra para o apartamento no piso térreo, onde residiam Sunita e Michelle. A casa fora dividida quando as suas amigas a compraram, e um dia provavelmente quereriam o andar de cima de volta, mas por ora estavam contentes por lho arrendarem por uma ninharia.

— Sunita? — chamou ela. — Michelle?

— A Suni saiu — ouviu-se uma voz proveniente das traseiras. — Só cá estou eu. O que se passa?

— Recebi uma chamada da minha mãe quando estava no supermercado.

— E o que andam a preparar este fim de semana a Liz e o Jim? Vão outra vez de viagem?

— Não. A minha mãe ligou por causa da minha avó.

— Ela está bem? Voltou a cair?

Heather inspirou fundo. E outra vez.

— Não — respondeu. — Não. Ela morreu. Está morta.

Ouviu-se um estrondo metálico, como se algo tivesse sido largado na bancada, e a seguir passos apressados em direção à entrada. Pouco depois, Heather estava envolvida num abraço caloroso com aroma a baunilha. Claro. Era sábado de manhã, pelo que Michelle estava a fazer bolos.

— Oh, querida, não! Oh, que notícia horrível! Anda para a cozinha. Precisas de um chá.

— T... tu pareces a avó — foi tudo o que Heather conseguiu dizer, pois de seguida os seus olhos cegarem com mais uma torrente de lágrimas.

Deixou-se ficar ali parada e permitiu que Michelle lhe despisse o casaco e desapertasse os laços das botas, para a seguir, com um leve incitamento, a conduzir para a cozinha.

— Senta-te. Vou pôr a chaleira a aquecer. Apetece-te um *muffin*?

— Não, obrigada. Para já, acho que não consigo comer nada. — Pousou a cabeça na mesa da cozinha, com a sua fôrmica *vintage* a revelar-se maravilhosamente fresca na sua testa. — Onde está a Sunita? — perguntou, sem olhar para cima.

— Foi correr para o High Park. Deve voltar não tarda nada.

— Deixei as minhas compras no supermercado. Nem conseguia pensar, por isso a minha mãe orientou-me. Eu disse que mandava lá alguém para as ir buscar.

— Eu vou. Ou a Suni, quando regressar.

Heather fechou os olhos e tentou não pensar em absolutamente nada. A chaleira começou a assobiar e Michelle tratou de ir encher o bule. Era sempre muito meticulosa com o chá.

— Agora, senta-te. Toma. Fiz com limão e mel. Como a tua avó costumava preparar para ti.

Heather endireitou-se. Deixou que a chávena de cerâmica lhe aquecesse as mãos.

— Não dá para acreditar. Não dá.

— A tua mãe disse-te o que aconteceu?

— Não foi nada dramático. Apenas uma constipação que se transformou em algo pior. Eu sei que ela tinha quase 94 anos e que as pessoas não são eternas. Só que ela era o tipo de pessoa que parecia que ia viver para sempre.

— Percebo o que queres dizer. Todas essas pessoas que passaram pela guerra... Ficamos a achar que são feitas de ferro.

O cronómetro do forno soou. Michelle desligou-o, retirou uma bandeja de *muffins* e pousou-os numa grelha ali ao lado para arrefecer.

— Pronto. Esta foi a última fornada. Vou agora ao supermercado. O Loblaw's na Dundas?

— Sim, muito obrigada. Oh... queres o meu multibanco?

— Não é preciso. Fazemos contas mais tarde. Fica aqui e bebe o teu chá. Eu ligo à Suni e conto-lhe. Assim, não tens de explicar tudo de novo.

A amiga saiu e fechou a porta da frente, e Heather ficou sozinha em casa. Devia subir para o seu apartamento, ligar à mãe e deitar-se um pouco. Deixar que *Seymour* se enroscasse ao seu lado e a fizesse relaxar com o seu ronronar até ela adormecer. Mas a inércia manteve-a presa à cozinha, à dura cadeira de madeira, aos aromas cítricos que perfumavam o ar.

Já se passaram duas semanas desde que visitara a avó pela última vez. Pretendera ir no fim de semana passado, mas ela própria se constipara e não queria pegar-lhe. E sentia-se tão cansada que mal saíra da cama todo o domingo.

Duas semanas antes fora visitar a avó e tinham tomado chá e comido uns *scones* da padaria escocesa que a avó adorava. Haviam conversado sobre o nonagésimo aniversário da rainha e da agitação que estava a gerar. Depois, o telefone começara a tocar. Era a amiga da avó, Maggie, a avisá-la de que faltavam dez minutos para a aula de *tai chi* na sala de convívio.

«Lamento, minha querida», dissera a avó. «Parece que acabaste de chegar.»

«Já aqui estou há imenso tempo. Estivemos tão entretidas. E se eu lhe ligar daqui a uns dias?»

Dera um grande abraço à avó e, apesar de esta não ser uma pessoa muito expansiva em termos de sentimentos, devolvera o abraço. Correspondia sempre ao abraço. Heather percorrera o *hall* e a avó esperara à sua porta até o elevador chegar e Heather lhe soprar um beijo, como sempre fazia.

Entrara no elevador e soprara um beijo à avó. Heather preencheu o resto do seu domingo a desempenhar tarefas que já lhe haviam desaparecido da memória. Despedira-se da avó, sem saber efetivamente que o fazia, pois havia ainda tanto para lhe contar, e agora nunca teria a oportunidade.

Nunca imaginara que seria um adeus.


Um romance histórico fascinante sobre  
um dos vestidos de noiva mais famosos da História.  
Um hino à esperança e à amizade  
num mundo pós-guerra.

**LONDRES, 1947:** A Segunda Guerra Mundial terminou há dois anos e Inglaterra está do lado dos vencedores, mas o país passa por duras adversidades. Quando o Palácio de Buckingham anuncia o noivado da princesa Isabel com o tenente Philip Mountbatten, a nação ganha um novo ânimo. Para Ann Hughes e Miriam Dassin, bordadeiras numa famosa casa de moda, o casamento real é mais do que uma celebração. É uma honra única nas suas vidas, pois foram escolhidas para criar os intrincados bordados que adornarão o vestido da princesa.

**TORONTO, 2016:** Mais de meio século depois, Heather Mackenzie encontra entre os bens herdados da avó um conjunto de flores bordadas à mão, que se assemelham muito aos motivos do deslumbrante vestido de noiva usado pela, agora, rainha Isabel II, e uma fotografia da avó com Miriam Dassin, uma célebre artista têxtil que sobreviveu ao Holocausto. Ansiando por saber mais sobre o passado da avó e os misteriosos bordados, Heather inicia uma viagem que lhe revelará muito mais do que esperava.

«Uma visão única do casamento real, que irá agradar  
aos fãs da série *The Crown*, da Netflix.»

### BOOKLIST

|  |   |
|--|---|
| <b>TOPSELLER</b><br>os livros em primeiro lugar<br>20 20 editora | ISBN 978-989-668-965-0<br><br>9 789896 689650<br>Romance Histórico |
|--|---|